

Instituto Socioambiental

fonte: O Liberal class.: Waiápi 84

data: 19/4/95 pg.: _____

O LIBERAL

Índio quer tradição, não extinção

MANUEL DUTRA

MANUEL DUTRA

Entre os dias 7 e 10 de abril, o ministro alemão da Cooperação Econômica e Desenvolvimento, Carl-Dieter Spranger, esteve em Santarém, cidade que usou como ponto de apoio para visitar três projetos de organizações não-governamentais (ONGs) que recebem dinheiro de seu governo. Um dos pontos altos da viagem foi uma reunião no Tropical Hotel, onde estavam três índios Waiápi, que habitam uma área ainda razoavelmente virgem, ao norte do Amapá, e cuja reserva está sendo demarcada pela Funai com a ajuda do governo alemão.

Esse grupo indígena já havia recebido uma visita de representantes da KAS (Fundação Konrad Adenauer), também da Alemanha, em setembro de 1993, por ocasião de um encontro de jornalistas brasileiros e europeus em Macapá, sob o patrocínio da mesma entidade. Na época, havia pressa pela demarcação da reserva, em virtude da forte pressão de políticos amapaenses, inclusive da prefeita Socorro Pelaes (PFL), do município mais próximo dos índios, de madeireiros e empresários de garimpo, ávidos pelas riquezas existentes naquela região cortada pela inacabada rodovia Perimetral Norte.

Desconfiança

A presença do dinheiro alemão na demarcação das terras dos Waiápi tem uma história que pode servir de emblema das relações tanto do governo brasileiro, como das ONGs, com as instituições do primeiro mundo. Alguns funcionários da Funai, preocupados com o futuro dos índios do Amapá - donos de terras extremamente ricas em ouro, mas sobretudo em madeiras nobres - não viam interesse do governo federal em demarcar a reserva. Com a ajuda da antropóloga Dominique Galois, da Universidade de São Paulo, que atua na área desde 1978, e de um pequeno grupo de ajuda aos



Os índios recusam o estigma de bons selvagens e apostam no futuro, para manter a tradição e o diálogo em pé de igualdade com os brancos

povos indígenas, os Waiápi receberam a promessa do dinheiro necessário, por parte do governo da Alemanha, a fim de promover a demarcação.

Ocorre que o financiamento ficou inviabilizado pela via diplomática. De um lado estava a burocracia do governo brasileiro e de outro a já conhecida desconfiança oficial e não oficial existente na Europa, diante de doações de recursos para o Brasil. A saída foi o governo alemão entregar o dinheiro a uma ONG de seu próprio país, para que esta o repassasse ao Centro de Trabalho Indigenista (CTI), uma ONG paulista, confiável aos europeus. O CTI, por sua vez, entregou os recursos à Funai. Por esse caminho enviesado

foram vencidas a burocracia de Brasília e a desconfiança no destino do dinheiro e os Waiápi foram beneficiados.

Na reunião de Santarém, na semana retrasada, um dos 50 jornalistas alemães que acompanharam o ministro Spranger, viajando em avião oficial, indagaram dos índios o que, afinal, eles queriam: se conservar sua reserva, ou dinheiro para fazer o mesmo que desejam os madeireiros e garimpeiros. Kumaré, um dos Waiápi presentes, respondeu que apenas queria viver em paz com seu povo. Kumaré, aliás, em entrevista a O LIBERAL, em outubro de 1993, disse que tinha vindo apenas uma vez a Belém e que não desejava repetir a aventura "porque a ci-

dade faz barulho e todo mundo fedeu menos, talvez, graças ao odor dos marcos alemães.

Resposta

Todo esse imbróglio gera fatalmente indagações, resultantes da corruptoburocracia brasileira, da desconfiança dos brancos do primeiro mundo, da desconfiança dos nacionalistas brasileiros com a benevolência dos brancos estrangeiros, das reais ameaças sobre os povos indígenas e das reações e reivindicações às vezes desconcertantes (na lógica do branco) dos índios. Estes, de resto, protagonistas de uma história que atravessou o Atlântico há 500 anos, e na qual foram, e são, sempre os perdedores.

Uma resposta, no entanto, pode

ser dada pelos próprios índios, pela boca do Xavante Pinitá awe Tsobodowapré, de 34 anos, estudante de Direito na Universidade de Brasília: "Os antropólogos, os indigenistas, os ecologistas e missionários defendem que o índio deve permanecer em sua vida primitiva, e nós não entendemos bem o que isso quer dizer. Nós queremos levar nosso modo de vida tradicional, mas queremos progredir. Para nós, a vida primitiva, para sempre, seria o mesmo que decretar a nossa extinção". Como futuro advogado, Pinitá awe garante que, no futuro, "teremos também os nossos cientistas, os nossos antropólogos e seremos um povo respeitado junto com todos os brasileiros".